

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com "La casa de papel" e "el ministerio del tiempo" na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

TRABALHANDO AS VARIEDADES DO ESPANHOL POR MEIO DE SÉRIES:
PROPOSTAS DIDÁTICAS COM "LA CASA DE PAPEL" E "EL MINISTERIO
DEL TIEMPO" NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ESPANHOL

*WORKING THE VARIETIES OF SPANISH THROUGH TV SERIES:
DIDACTIC PROPOSALS WITH "LA CASA DE PAPEL" AND "EL MINISTERIO
DEL TIEMPO" IN THE SPANISH TEACHERS TRAINING*

Daniel MAZZARO
(Universidade Federal de Uberlândia)
daniel.mazzaro@ufu.br

Mariana RUAS
(Universidade Federal de Viçosa)
frauruas@gmail.com

RESUMO: Neste artigo abordam-se algumas questões das variedades do espanhol na formação inicial de professores (MORENO FERNÁNDEZ, 2007) por meio das séries "La Casa de Papel" e "El Ministerio del Tiempo". Focalizam-se aspectos socioculturais relacionados ao contraste entre variedades urbanas de prestígio e desprestigiadas (MORENO FERNÁNDEZ, 2009; BAGNO, 2013) e aspectos sócio-históricos da variação pronominal (JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009). Objetiva-se, além de ensinar sobre aspectos linguísticos do espanhol, refletir sobre eles e sua prática no ensino-aprendizagem da língua, possibilitar ao estudante contato com amostras de língua oral não didatizadas por meio de recursos digitais de fácil acesso.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professores; variedades do espanhol; séries de TV.

ABSTRACT: *This article addresses some issues of the varieties of Spanish in the initial formation of teachers (MORENO FERNÁNDEZ, 2007) through the series "La Casa de Papel" and "El Ministerio del Tiempo". We discuss socio-cultural aspects related to contrast between urban varieties of prestige and those that are discredited (MORENO FERNÁNDEZ, 2009; BAGNO, 2013) and socio-historical aspects of pronominal variation (JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009). The aim is to enable the student to have contact with non-didatised oral language samples through digital resources, rather than teaching about linguistic aspects of Spanish and reflecting on them and their practice in language teaching/learning.*

KEYWORDS: *teachers training; Spanish varieties; TV series.*

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

0. Introdução

Um dos grandes desafios na formação de professores de línguas estrangeiras, especialmente a língua espanhola, talvez seja que variante escolher para ensinar aos alunos. Nesse sentido, Moreno Fernández (2007) defende a necessidade de contar com um modelo de língua que, além de ser capaz de orientar o ensino e a aprendizagem, como segunda ou estrangeira, em qualquer lugar do mundo, possa conjugar a essencial unidade da língua (no caso da espanhola) com sua grande riqueza de variedades¹, ou seja, que permita a diversidade na unidade.

Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio - OCEM (BRASIL, 2006) aponta-se para um caminho similar quando se afirma que é preciso que o ensino da língua baseie-se em sua pluralidade, tanto regional quanto sociocultural, de modo que não se exclua nenhuma identidade no processo da suposta homogeneidade do idioma. No entanto, ao contrário de considerar que “o modelo linguístico que se impõe no ensino de espanhol deve ser um modelo culto, baseado em uma norma prestigiosa, no qual tenham um peso singular os usos gerais do mundo hispânico”, como o faz Moreno Fernández (2007:87, tradução nossa), nas OCEM (BRASIL, 2006:134) sugere-se que a pergunta “Que Espanhol ensinar?” deve ser substituída por outra: “Como ensinar o Espanhol, essa língua tão plural?”.

Essa mudança de foco possivelmente se deve ao fato de que nos documentos oficiais brasileiros se enfatiza que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular não se concentram apenas na disciplina/conteúdo que propõe ensinar, pois isso costuma levar à ideia de que se pode aprender um idioma isoladamente de seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos. Nas OCEM, por outro lado, acredita-se em “um trabalho educacional em que as disciplinas do currículo escolar se tornam meios”, o que significa que, com isso, “busca-se a formação de indivíduos, o que inclui o desenvolvimento de consciência social, criatividade, mente aberta para conhecimentos novos” (BRASIL, 2006:90). Assim,

¹ Usamos o termo variedade como “uma forma neutra, empregada nos estudos sociolinguísticos em geral, para se referir a qualquer tipo específico de linguagem – **dialeto, sotaque, socioleto, estilo** – que o linguista deseje considerar como uma entidade individual para fins de análise empírica ou teorização. [...] As variedades podem ser regionais (**mineira, carioca, baiana**, etc.) ou sociais (quando definidas por critérios como **idade, sexo, classe social**, grau de escolarização, etc.), e também estilísticas (segundo o grau de maior ou menor **formalidade** da fala ou da escrita).” (BAGNO, 2017:474 – destaques do autor)

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais (BRASIL, 2006:91).

Quando se pensa a formação de professores de línguas estrangeiras, o espaço para a diversidade linguística e para o entendimento da língua como manifestação cultural também são privilegiados. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Letras (2001) concebe-se a importância dos estudos em linguística estarem fundamentados “na percepção da língua como prática social” (BRASIL, 2001:31), “como forma mais elaborada das manifestações culturais”. No documento também se destaca a necessidade de se priorizar, na formação do licenciado em Letras, uma abordagem intercultural, concebendo-se “a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade” (BRASIL, 2001:31).

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo abordar algumas questões das variedades do espanhol na formação inicial de professores de língua por meio de duas séries espanholas: “La Casa de Papel”, com a qual abordaremos aspectos socioculturais relacionados ao contraste entre as variedades urbanas de prestígio e as desprestigiadas (MORENO FERNÁNDEZ, 2009; BAGNO, 2013); e “El Ministerio del Tiempo”, a partir da qual enfocaremos aspectos sócio-históricos da variação pronominal (JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009). A escolha pelo trabalho com séries deve-se ao fato de reconhecermos que os recursos audiovisuais possibilitam trazer para dentro de sala de aula amostras de língua mais autênticas. Além disso, utilizar um gênero televisivo já conhecido e popularizado entre os estudantes pode aumentar o interesse deles pelas atividades propostas.

1. A sociolinguística e o ensino da língua espanhola

Uma das mais importantes contribuições da sociolinguística para o ensino-aprendizagem de línguas talvez seja a própria concepção que se tem de língua. Por não ser tomada apenas como um sistema de regras interiorizadas em nosso cérebro, a língua, conforme resume Bagno (2014:22), “é um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e mental que é compartilhado pelos membros de uma dada comunidade humana como recurso comunicativo [...] [que] serve para a interação e a integração sociocultural dos membros dessa comunidade”. Nesse sentido, a língua “coevolui com os desenvolvimentos cognitivos e os desenvolvimentos culturais dessa comunidade, sendo então sempre

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

variável e mutante, um processo nunca acabado” (BAGNO, 2014: 22). Esse devir língua², sempre em formação, decomposição e recomposição, faz com que esse conjunto perca e ganhe coisas, sempre acompanhando as transformações culturais e cognitivas de seus falantes.

Dentre as correntes da sociolinguística atual, a teoria da variação (ou variacionismo) é a considerada mais claramente linguística, segundo Moreno Fernández (2009), já que o foco está no estudo da variação e da mudança linguística tal como são produzidas em seu contexto social. Nesse sentido, a organização gramatical complexa, demonstrável e exprimível em forma de regras que todo modo de falar apresenta é dinâmica e influenciável pela atividade coletiva da interação social. Dito de outra forma, como resume Beline (2005:125), a sociolinguística

procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua - a fonética, a morfologia e a sintaxe - e também no seu léxico.

Embora muito parecidos, os termos *variação*, *variável* e *variante* não são intercambiáveis: com *variação* nos referimos à “propriedade intrínseca, da natureza mesma da língua, de todas as línguas, que constituem sistemas heterogêneos, múltiplos e variáveis” (BAGNO, 2017:469) que se caracteriza pela “existência de diferenças perceptíveis no modo como uma língua é usada em uma comunidade de fala” (TRASK, 2015:303), o que significa que toda língua “muda com o passar do tempo e varia no espaço (geográfico e/ou social)” (BAGNO, 2017:470); com *variável*, nos referimos a “algum aspecto do uso para o qual duas ou mais formas concorrentes estão disponíveis em uma comunidade” (TRASK, 2015:303) e “veiculam um mesmo sentido” (BELINE, 2005:122); *variante*, por sua vez, são essas “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1986:8 *apud* BAGNO, 2017:471).

Grosso modo, a variação linguística se dá conforme o tempo (variação diacrônica), o lugar (variação diatópica), o registro ou a situação em que se está falando (variação diafásica) e o nível socioeconômico (variação diastrática). Toda língua apresenta variação, que é potencialmente um desencadeador de mudança. Conforme explica Chagas (2005:147), “as mudanças não se restringem a um nível da

² Com o termo “devir”, referimo-nos à ideia de fluidez, vitalidade e transformação presente na língua do ponto de vista pragmático. Segundo Deleuze e Guattari (1995: 21), “a pragmática não recorre simplesmente às circunstâncias externas: destaca variáveis de expressão ou de enunciação que são para a língua razões internas suficientes para não se fechar sobre si”.

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

gramática, podendo ocorrer em qualquer um deles”, além de que “uma mudança em um desses componentes da gramática pode levar a alterações em outro”. Dessa forma, a mudança é gradual e, por isso, passa primeiro por um período de transição em que há variação, para que em seguida ocorra a mudança. “Como a língua está sempre sendo recriada, ela comporta o surgimento de inovações a todo momento” (CHAGAS, 2005:150), o que significa que a língua produzida agora, neste texto, mantém inovações já realizadas há bastante tempo, mantém outras mais recentes e propõe outras que podem ser ou não incorporadas e difundidas pelos falantes de uma determinada comunidade.

A relevância da sociolinguística para o ensino de línguas estrangeiras, nesse contexto, é crucial. A questão não é necessária e exclusivamente debater que modelo de língua deve ser ensinado, como faz Moreno Fernández (2007), mas exatamente o que se propõe nas OCEM (BRASIL, 2006) quando se leva em conta que a língua espanhola - e certamente outras também - é falada em muitas comunidades: como abordar tantas variantes nas aulas?

Uma pergunta anterior, no entanto, deve ser proposta: por que abordar o tema da variação linguística nas aulas de línguas? O próprio conceito de língua que apresentamos anteriormente indica o caminho desse questionamento: se considerarmos a língua como um conjunto de recursos de que as pessoas dispõem para realizar objetivos sociocomunicativos em situações de interação umas com as outras (ANTUNES, 2014), então, variações nas situações de interação e na sociedade também implicam variações no conjunto de recursos que usamos para realizar nossa comunicação. Nesse sentido, o ensino-aprendizado de uma língua deve contemplar diferentes situações de seu uso e também levar à reflexão sobre os elementos socioculturais que acompanham as variantes. Veremos um exemplo, na análise de algumas cenas da série *El Ministerio del Tiempo*, de como a variação diacrônica das formas de tratamento está relacionada a mudanças sociais de interação.

Como um dos principais objetivos da educação brasileira é desenvolver a consciência social, a criatividade e a reforma na maneira de pensar e ver o mundo (BRASIL, 2006), estudar criticamente as variantes da língua e entender a relação entre elas e as situações de interação significa contribuir para a formação do indivíduo.

Outras questões também precisam ser abordadas, como a idealização de um *español estándar* que serviria de modelo, norma e padrão a ser seguido (e imitado) no processo de ensino-aprendizado. Esse espanhol, como critica Ponte (2010), seria entendido em qualquer lugar por estar livre de regionalismos e de marcas que supostamente poderiam

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ser ininteligíveis em diferentes regiões. No entanto, a adoção de tal modelo de língua “corresponde ao sentido utilitarista que o estudo de espanhol como língua estrangeira ganhou nas últimas décadas” (PONTE, 2010:159), além de apagar e mesclar marcas identitárias e de não acompanhar as mudanças pelas quais a língua passa. No lugar, há quem proponha um *español culto*, mas, como observa Moreno Fernández (2007), esse modelo costuma ser monocêntrico, já que supõe a aceitação universal de umas normas, diferente da policêntrica, que admite a convivência simultânea de vários padrões de normas.

Em todos os casos, o que se costuma levar em conta na escolha das variantes é o prestígio que elas gozam no mundo hispânico, e é exatamente isso que o professor deve mediar: as relações de poder envolvidas na compreensão do que é ser uma variante de prestígio. Isso ficará bem mais claro na análise de algumas cenas da série *La casa de papel* no momento em que propormos uma reflexão sobre as variantes diastráticas de alguns personagens de classes socioculturais diferentes.

Antes, contudo, faz-se necessário dedicar algumas reflexões sobre o uso de séries no ensino de línguas e também o que podemos esperar sobre as *performances*³ linguísticas nesse gênero discursivo.

2. O uso de séries no ensino de línguas e as *performances* linguísticas

Como forma de expressão popular, o discurso televisivo faz parte do cotidiano das pessoas, simbolizando acontecimentos e sentimentos comuns. Ávila de Jalil (2005:23), ao falar das telenovelas, defende que elas são uma adaptação moderna dos folhetins do século XIX, literatura popular que se caracteriza por ser narrativa, lírica e dramática. Para ela, as telenovelas transmitem práticas culturais que vão se modificando de acordo com os diferentes contextos socioculturais e com as mudanças geracionais.

Embora haja tantas transformações, esse tipo de discurso se mantém presente pela necessidade da ficção que remonta à tradição oral da literatura. Tendo a televisão tanto espaço em nossa sociedade atual e na forma como consumimos informações e narrativas, Penteado (1991:97 *apud* PEREIRA, 2012:21) afirma que, como telespectadores, os

³ Com o termo *performance* não nos referimos à dicotomia competência-performance, em que o primeiro elemento se refere ao conhecimento adquirido de uma língua e o segundo à habilidade de uso concreto da competência linguística. Referimo-nos, na verdade, e *grosso modo*, à “encenação” linguística, ao momento da enunciação.

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

estudantes - bem como qualquer pessoa - aprendem pela televisão “modos de falar, slogans, padrões de comportamento, informações, padrões de análise” pela linguagem imagética e sonora. Ou seja, os programas televisivos apresentam práticas socioculturais que se realizam pela linguagem.

As séries, em nosso entendimento, representam uma das transformações ocorridas desde os folhetins, sendo uma forma de narrativa dramática. Principalmente entre o público mais jovem, as séries se popularizaram, nos termos de Ávila de Jalil (2005), como literatura popular, sendo talvez mais assistidas que as telenovelas.

Pereira (2012), em estudo sobre a utilização de desenhos animados nas aulas de espanhol, afirma que as linguagens audiovisuais da televisão (telenovelas, filmes, desenhos etc.), por serem práticas do cotidiano de conhecimento dos estudantes, deveriam ser melhor aproveitadas no processo educacional, consideradas “como parte de nossa experiência de vida” (idem, 2012:22). Nesse sentido, utilizar programas televisivos possibilita um trabalho com a língua apresentando-a não estritamente em seus aspectos estruturais, mas sim socioculturais e pode ser um recurso de interação de membros, ainda que prototípicos, de uma determinada comunidade.

Retomando o que é questionado nas OCEM, utilizar obras de ficção audiovisual em sala de aula pode ser uma boa alternativa para se abordar as variedades do espanhol, uma vez que os alunos teriam contato não apenas com o registro escrito das variedades em questão, mas também com o oral. Em comparação com os filmes ou telenovelas, as séries apresentam a vantagem de não serem tão extensas, possibilitarem a visualização com o apoio de legendas no mesmo idioma do texto oral, estarem disponíveis *online* em serviços de *streaming* e contarem com grande popularidade entre os jovens.

Como narrativa dramática ficcional, há que se ter em conta que, tanto nas telenovelas como nas séries ou filmes, o discurso é representado, teatralizado. Além disso, segundo Ávila de Jalil (2005:86), há tanto uma dimensão dramática de comunicação, representada pelo texto do roteiro elaborado pelo autor, como uma dimensão teatral que supõe, para além de uma leitura do texto, sua representação.

É nesse sentido que usamos o termo *performance* da língua; em todo evento em que se usa a língua há dois materiais envolvidos: um estruturado de maneira significativa segundo princípios de pertinência que lhe são próprios (o linguístico) e um que é testemunha dos comportamentos humanos, que colabora na definição dos seres como atores sociais e também como sujeitos comunicantes (o psicossocial). A *performance*, conseqüentemente, se constrói em uma relação de

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

“atuação”, ou “encenação” na qual estão em cena o conteúdo proposicional (a referência ao mundo), o relacional (a intersubjetividade dos interlocutores) e o implícito (o que não é dito explicitamente) (ALMEIDA, 2016). A significação do jogo que se estabelece entre esses conteúdos depende, portanto, do gênero e das estratégias em que se realizam (e que, ao mesmo tempo, são realizados). Nesse contexto, como Ducrot (1972:4 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016:95) diz, “a língua comporta, a título irreduzível, todo um catálogo de relações inter-humanas, toda uma panóplia de papéis que o locutor pode escolher para si próprio e impor ao destinatário”.

No entanto, essa escolha não é tão livre: os três níveis da encenação, a saber, situacional (que determina o jogo comunicacional, a identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam, a finalidade e as circunstâncias), discursivo (onde se instauram os modos de falar de um sujeito e os papéis que ele deve ter em função das instruções do nível situacional) e semiolinguístico (onde são ordenadas as escolhas linguísticas que configuram o texto para exprimir uma intenção de comunicação em relação aos outros dois níveis) (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016:453) dependem dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem. Esses saberes funcionam como um conjunto de representações coletivas que é dado aos sujeitos do ato de linguagem pelo fato de pertencerem a uma comunidade ou a um grupo, e por compartilhar com seus membros experiências dos mais diferentes tipos. E mais que partilhar essas experiências, os sujeitos sempre as enunciam com a finalidade de tentar separar o que pertence a si como indivíduo daquilo que pertence à comunidade ou ao grupo. Dessa forma, por mais que as performances sejam de indivíduos ímpares, elas são possíveis de compreensão porque pretendem à universalidade para serem compreendidas. Elas são, pois, “signos específicos repetidos em circunstâncias discursivas específicas compartilhadas por um grupo de pessoas que atualizam imagens em movimento e cristalinas em um ato de linguagem específico” (ALMEIDA, 2016:178). Trata-se, portanto, da pretensão de ser, no mínimo, compreendido; é o próprio movimento do discurso.

A *performance* da língua espanhola, nos casos que analisaremos, se adapta ao gênero discursivo *série*, que pressupõe um roteiro de falas e de ações, além de ser gravado e transmitido pela televisão para grupos de sujeitos heterogêneos. Isso significa que a encenação da língua nessa situação comunicativa é mais ritualizada, já que segue a mais regras e protocolos que a encenação que ela reproduz. Por exemplo, uma conversa entre duas pessoas em uma rua pode ter interferência de barulhos, ter várias mudanças de assunto e durar vinte minutos, elementos que, se

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

não forem relevantes para a cena da série, podem (ou devem) ser evitados. Além disso, a forma de dizer algo não é pertinente apenas para o conteúdo do discurso, mas também na construção dos sujeitos-personagens, elemento que é bastante relevante para este trabalho, como veremos nas próximas seções.

2.1 “La Casa de Papel”: variedades de (des)prestígio e a variação diastrática

La Casa de Papel (doravante LCDP) é uma série espanhola do gênero drama-suspense transmitida pela rede televisiva *Antena 3* (TVE) no ano de 2017, sendo incorporada internacionalmente ao catálogo do serviço de *streaming* Netflix no mesmo ano. Originalmente, a série contava com apenas uma temporada, totalizando 9 episódios. Já na versão veiculada pela Netflix e que chegou ao Brasil, contabiliza 2 temporadas e 22 episódios. Segundo a página da série na *Wikipedia*,

Um homem misterioso, conhecido como *El Profesor*, está planejando o maior assalto a bancos da história. Para realizar o ambicioso plano, recruta uma equipe de oito pessoas com certas habilidades e que não têm nada a perder. O objetivo é entrar na *Fábrica Nacional de Moneda y Timbre* (Casa da Moeda) e imprimir 2400 milhões de euros. Para isso, a equipe precisa de onze dias, durante os quais terão que lidar com as forças de elite da polícia e 67 reféns. (tradução nossa)

Os personagens que formam parte do núcleo central são: os assaltantes, o *Profesor*, alguns reféns como Mônica e Arturo, e a policial Raquel, conhecida também como *inspetora Murillo*, responsável por negociar com os sequestradores. Tokio, Berlín, Río, Moscú, Denver, Nairobi, Helsinki e Oslo são os codinomes dos oito ladrões espanhóis, excetuando os dois últimos que são sérvios.

Na análise de cenas desta série, selecionamos a variação relacionada a questões extralinguísticas, especificamente as sociais. Como comentamos anteriormente, o uso linguístico ‘natural’ só pode ocorrer em contextos sociais e situacionais concretos, não é possível conhecer de antemão que tipo de variáveis sociais irão atuar sobre uns elementos linguísticos em uma determinada comunidade. Por exemplo, nos níveis fonético-fonológico e morfológico de uma língua costumam incidir com maior probabilidade os fatores extralinguísticos, no entanto, não é possível prever que variável específica e por que razão, e isso ocorre por dois motivos:

em primeiro lugar, porque fatores sociais atuam sobre a língua de uma forma irregular, ou seja, em duas comunidades de fala diferentes a

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

variação sociolinguística de um mesmo fenômeno não tem por que se manifestar da mesma maneira; em segundo lugar, porque os fatores sociais não estão configurados de forma idêntica em todas as comunidades, ainda que nelas sejam faladas modalidades próximas de uma mesma língua. (MORENO FERNANDEZ, 2009:40, tradução nossa)

Nesse sentido, as variantes que apresentaremos na análise de LCDP só são “possíveis” graças, principalmente, à localização espacial e temporal dos personagens: Madri, 2017. Mais que isso, a história dos personagens é relevante: o *Profesor*, codinome do personagem Sergio Marquina, é um homem de vasta cultura geral, autodidata e que circula em vários ambientes sociais. Quando criança, dedicava seu tempo a ler e a ouvir histórias de roubos contadas por seu pai, um assaltante. Passou muitos anos da vida planejando o assalto à Casa da Moeda, estudando tudo o que fosse necessário para efetuar-lo.

Río é um jovem de classe média, hacker muito habilidoso e capaz de invadir os mais complexos sistemas de segurança. É convocado para a equipe por sua habilidade com a tecnologia. Não tem relação com o mundo dos crimes e é um jovem considerado inocente. Já Denver se caracteriza como o extremo oposto, um jovem com um passado conturbado no qual se envolveu tanto no uso de drogas como no tráfico. Abandonado pela mãe, foi criado pelo pai Moscú, um operário simples que também já cometeu delitos e faz parte da equipe.

Dentre os personagens femininos, estão Nairobi e Raquel. A primeira é chamada para a equipe por sua habilidade em falsificações de dinheiro. Está envolvida com o mundo do crime desde muito jovem. Já a segunda, a inspetora Murillo, é psicóloga e criminologista com muita experiência policial. Mulher da classe média alta de Madri, Raquel é considerada a melhor negociadora da polícia e, por isso, indicada para comandar a operação do assalto à Casa da Moeda.

Observa-se, portanto, que há várias classes sociais representadas nos personagens da série, pessoas com diferentes níveis de instrução e trajetórias de vida. Nesse sentido, “uma maior complexidade social em uma comunidade pode dar lugar a uma maior variação linguística e a um uso social da língua mais heterogêneo” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009:40, tradução nossa), e por essa razão podemos perceber a coexistência de diferentes variantes.

Geralmente, os fatores sociais que mostram uma maior capacidade de influência sobre a variação linguística são o sexo, a idade, o nível de instrução, o nível sociocultural e a etnia. Segundo Moreno Fernández (2009), a variável social sexo/gênero se converteu em objeto de atenção permanente na sociolinguística, a qual lhe deu grande protagonismo, mas, em sua origem, foram feitas muitas afirmações infundadas e, “em

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

um número importante de casos, são outros fatores, como o nível sociocultural ou o estilo, as principais bases da variação, o que deixa o sexo relegado a um segundo plano” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009:42, tradução nossa).

A variável social idade, por outro lado, determina e modifica os caracteres e os hábitos sociais dos indivíduos, incluídos os comunicativos e os puramente linguísticos. Pode-se perceber, inclusive, que as diferenças linguísticas baseadas no gênero variam ao longo da vida: elas “são relativamente pequenas na infância, aumentam até seu máximo na adolescência, para decrescer paulatinamente na maturidade, até alcançar seu ponto mais baixo entre os quarenta e os sessenta” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009:47-48, tradução nossa). Além disso, no que tange ao desenvolvimento linguístico do indivíduo, talvez a etapa mais importante seja a que corresponde à chamada *adequação* do dialeto e do socioleto, quer dizer, a língua do grupo social ao qual pertence o falante (a variedade vernácula). O processo de aquisição pode ser considerado como “um processo de aculturação ou de distanciamento dos usos adquiridos na adolescência e uma adequação ao modelo predominante entre os membros adultos da comunidade” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009:48, tradução nossa), por isso descrevemos um pouco da vida de alguns dos personagens há alguns parágrafos.

A variável classe social, juntamente com a variável nível de instrução, parecem ser as mais relevantes para trabalhar as cenas de LCDP. Quanto à primeira variável, costuma-se levar em conta a ocupação (atividades realizadas de forma mais ou menos regular como principal fonte de renda), a classe (dimensão relacionada com essa renda, considerada como um meio para conseguir objetos), o *status* (dimensão social referida à obtenção de respeito) e o poder (capacidade de realizar suas próprias vontades, ainda que acima da vontade dos outros). Ao conjunto de características próprias de um grupo, estrato ou classe (que, diga-se de passagem, não apresentam claramente os seus limites) chamamos *socioleto*.

Quanto à variável nível de instrução, Moreno Fernandez (2009:61) observa a relação direta entre o nível educativo dos falantes e a variação linguística, sendo “normal que pessoas mais instruídas façam maior uso das variantes que são consideradas como mais prestigiosas ou que mais se ajustam à norma”. Essa variável, entretanto, está intimamente relacionada à anterior, já que “quanto mais preparado se está, quanto melhor formado, mais possibilidade há de se desempenhar profissões que proporcionam maiores rendas, um *status* mais alto e mais elevadas cotas de poder” (Moreno Fernández, 2009:61-62, tradução nossa).

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabajando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

É o que podemos observar nas seguintes cenas da primeira temporada. Na primeira delas (T1:E1), os assaltantes estão se deslocando em uma van com destino à Casa da Moeda. Denver é o único que não conhece o pintor Salvador Dalí, rosto da máscara que utilizarão durante o assalto, demonstrando que seu nível de instrução é diferente do de Río, embora os dois estejam em uma mesma faixa etária. Denver também utiliza mais gírias e palavrões para dirigir-se aos demais, marcando seu lugar em relação à classe social, novamente, pelo nível de instrução.

[1] (T1:E1) Desplazamiento del equipo

RÍO: ¿Quién eligió la careta?

BERLÍN: ¿Qué le pasa ahora a la careta?

RÍO: Que no da miedo. Tú ves las películas de atracadores y las películas dan miedo. Son zombis, esqueletos, la muerte, yo que sé, pues sientes...

BERLÍN: Con un arma en la mano te aseguro que da más miedo un loco que un esqueleto.

MOSCÚ: Vaya ya...

DENVER: ¿Quién era el payo este del bigote?

MOSCÚ: Dalí, hijo, un pintor español. Era muy bueno.

DENVER: Un pintor.

MOSCÚ: Sí.

DENVER: Un pintor, de... ¿de pintar?

MOSCÚ: Sí.

Río se ríe de Denver

DENVER: ¿Tú sabes lo que da miedo de cojones? Los muñeco' de los críos. Eso sí que da miedo.

BERLÍN: ¿Qué muñecos?

DENVER: Pues el Goofy, el Pluto, el Mickey Mouse, todos estos.

RÍO: O sea, ¿que un ratón con orejas da más miedo, eso es lo que me estás diciendo?

DENVER: Pues sí, gilipollas. ¿O qué quieres? ¿Que te dé un guantazo?

MOSCÚ: ¡Eh!

DENVER: Que tengo razón. Pues vamos a ver. Si un payo a punta de pistola entra con una careta de Mickey Mouse a cualquier la'ó, la peña va a pensar que está colga'ó, que va a

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

liar una puta carnicería. ¿Sabe por qué? Porque las armas y los niños son una cosa que no se juntan nunca, papá.

Essas marcas linguísticas ficam ainda mais evidentes quando observamos o diálogo entre o *Profesor* e Raquel no episódio 2 da primeira temporada (T1:E2). O personagem do professor, embora não pertença à mesma classe social de Raquel, está performando alguém que possui certo *status*, além de estar em posição de poder, já que está negociando a rendição de seu grupo e dos reféns. Observa-se que o diálogo é muito mais protocolar, respeitando-se o turno de fala de cada um, as convenções de cumprimentos, o uso do pronome *usted* entre os dois indicando respeito e distância.

[2] (T1:E2) Primera llamada de negociación

RAQUEL: Hola.

PROFESOR: Buenas tardes.

RAQUEL: Soy Raquel Murillo, inspectora al mando de la gestión del atraco. ¿Con quién hablo?

PROFESOR: Con el atracador al mando del asalto.

...

¿Cómo se encuentran sus compañeros?

RAQUEL: Por el momento no tenemos que lamentar ninguna baja.

PROFESOR: Me alegro. Me alegro sinceramente.

RAQUEL: Perdone, le oigo un poco raro.

PROFESOR: Sí, le pido disculpas por esta odiosa voz metálica, pero comprenderá que debo salvaguardar mi identidad, por si algún día nos ponen en un helicóptero y nos vamos a Brasil.

RAQUEL: ¿Eso es lo que quiere, un helicóptero?

PROFESOR: De momento lo que quiero es negociar con alguien que no me esté dando largas, que no tenga que estar preguntando a un superior, o a Inteligencia, o a su mamá para decirme un sí o un no.

RAQUEL: Entonces debería hablar directamente con el presidente, pero puesto que está ocupado dirigiendo el país, yo intentaré sustituirle si no le parece mal. ¿Alguna pregunta más?

PROFESOR: Sí. ¿Qué lleva puesto?

RAQUEL: ¿Cómo?

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

PROFESOR: ¿Cómo va vestida? ¿No le parece que nuestra ropa habla mucho de nuestra personalidad?

Visando o preparo de atividades didáticas, selecionamos duas cenas que se encontram nos episódios 9 da primeira temporada (T1:E9) e 1 da segunda (T2:E1). Tratam-se de diálogos entre Denver e os personagens de Tokio, Moscú e Mónica. Mónica é uma das reféns, secretária do Diretor Geral da Casa da Moeda e que acaba se envolvendo romanticamente com Denver. Seguem fragmentos dos diálogos:

[3] (T1:E9) Denver y Tokio conversan en el coche. En la escena siguiente, conversan en el cuarto y son interrumpidos por Moscú.

DENVER: ¿Qué pasa?

TOKIO: ¿Qué pasa?

DENVER: ¿Qué?

TOKIO: ¿Tú sabías que hay más de 2000 billones de estrellas en el cielo?

Denver ríe.

DENVER: ¿Qué pasa, que las ha conta'o o qué?

TOKIO: Hombre, pues claro.

DENVER: ¡Huy, huy, huy, huy, huy! Aquí, a mí me falta un poco de fiesta. Y yo sé, Tokio, yo sé que en tu cuarto tienes algo como esto.

TOKIO: Algo.

DENVER: Sí, pue' de perdidos al río, ¿no?

TOKIO: ¡Huy, Río! ¡Huy, Río! Pobrecito.

DENVER: Huy, Río, huy, Río. Qué borracho que iba.

[...]

DENVER: ¿Me das un calo?

Oye. ¿Por qué me ha dicho lo de las estrellas antes?

TOKIO: Yo qué sé, tío. Porque es bonito, ¿no?

Todas las estrellas ahí puestas en plan... No sé. Ahí en medio del monte. Yo qué sé, tío, por qué te lo he dicho.

DENVER: ¿Na'a más?

TOKIO: ¿Hum?

DENVER: ¿Eh?

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

TOKIO: ¿Na’á más de qué?

DENVER: De... no sé, que... Que a lo mejor quería decir algo má’, ¿no?

TOKIO: ¿Cómo si querías follar conmigo o algo así?

DENVER: Pero... ¿a ti te gu’taría?

[...]

DENVER: Papá, mírame, mírame. Tira pa’ la cama. Tira pa’ la cama. Ha’me caso.

MOSCÚ: Oye, ¿tenéis un cigarrito?

DENVER: Me cago en la leche.

TOKIO: Claro que sí. Toma, fúmate.

MOSCÚ: Ya que estamos.

TOKIO: Fúmate este.

MOSCÚ: Venga.

TOKIO: Me voy al baño. Eso sí, cuando vuelva, cada uno a su cuartito.

MOSCÚ: Venga.

TOKIO: A ver si dormimos un poquito.

MOSCÚ: Hasta luego, guapa.

DENVER: ¡Tío! ¿No ves que te e’toy haciendo así con lo’ ojo’ pa’ que te vayas?

MOSCÚ: ¿Por qué?

DENVER: Porque me has cortado el rollo, papá... me cago...

[4] (T2:E1) Denver le cuida a Mónica

MÓNICA: ¿Qué pasa, que... se han acabado ya nuestras 60 horas de amor?

DENVER: Pasa que tú ere’ una rehén y yo te he secuestrado. Así que cuando acabe esto y salgamo’ de aquí, pues ya veremos.

MÓNICA: ¿Qué? ¿Qué pasa? Ven. ¿Qué ha pasado algo y no me he enterado?

DENVER: Que a lo mejor tú no te da’ cuenta porque está’ aquí en contra de tu voluntad, Mónica, pero tiene’ un síndrome.

MÓNICA: ¿Qué? ¿Qué síndrome?

DENVER: De Estocolmo. Que te enamora’ del hijo de puta que te tiene secuestra’a. Y como se te va la cabeza por eso, pue’ me trata’ como si fuera tu novio. Es una cosa de psiquiatría, que lo tratan lo’ doctores.

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

MÓNICA: Escucha. ¿Y si te digo que esa es la mayor tontería que he oído en mi vida?

Seria interessante, antes de mostrar essas cenas aos alunos, apresentar algumas de T1:E1, principalmente aquelas nas quais se apresentam os assaltantes para que os alunos conheçam Denver, além de poderem ter um panorama da trama da série. Considerando-se o grande sucesso da série no Brasil, provavelmente os alunos poderão compartilhar seus conhecimentos sobre os personagens e a trama.

Após esse momento de contextualização da história, as cenas T1:E9 e T2:E1 podem ser exploradas com perguntas como “¿Quiénes aparecen en las dos escenas? ¿Qué relación mantienen entre sí? ¿Qué papel este personaje desempeña en la serie?”. Dessa forma, os alunos são induzidos a observar a variação diastrática, principalmente quando comparamos o socioleto de Denver e o de Mónica. Além disso, as marcas de nível de instrução e socioeconômico diferenciam o espanhol falado por Denver frente ao de todos os demais personagens envolvidos.

Nas cenas em questão, observamos a elisão de marcas de plural no que é dito por Denver, como “así con lo’ ojo” (T1:E6) e “lo’ doctores” (T2:E1). Alguns estudos apontam que a elisão no espanhol do -s (indicador de plural nominal) apresenta “um padrão de estratificação regular: mais elisão no estrato mais baixo, menos no nível médio e menos ainda no estrato alto.” (CEPEDA, 2001:4). A idade dos falantes também é significativa, pois o fenômeno é mais recorrente entre a população jovem. Outras elisões do -s acontecem em verbos, na marcação da segunda pessoa do singular, tú: “ha conta’o”, “¿Por qué me ha dicho lo de las estrellas?” (T1:E9), “tú no te da’ cuenta porque está’ aquí...” (T2:E1).

Como essas marcas só aparecem no texto oral e não na legenda - que reconstrói os -s tanto nos substantivos quanto nos verbos -, o professor pode propor uma atividade que trabalhe a compreensão auditiva intensiva, pedindo aos estudantes para transcreverem as falas dos diálogos apresentados. Posteriormente, fariam a comparação com o texto das legendas, apontando quais são as diferenças percebidas. Mesmo que os alunos não consigam distinguir a falta dos -s, o professor pode chamar a atenção para outros aspectos, como a elisão do -d- em “conta’o”, ampliando a análise para a variação diatópica e citando exemplos encontrados em regiões do mundo hispânico que apresentam o mesmo fenômeno.

A partir dessas cenas, é possível contrastar o uso linguístico de Denver e de Mónica, dois personagens que aparecem em várias cenas

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

juntos e que representam pessoas de níveis socioeconômicos muito distintos. Denver representa usos considerados mais vulgares do espanhol, pois elide sons (-s, -d-), utiliza vocabulário coloquial e palavrões. Mónica, por outro lado, faz uso de formas de mais prestígio da língua. Podem ser promovidas discussões e reflexões sobre os lugares que cada um deles ocupa e como o registro linguístico de cada um influencia ou não em seus papéis sociais. As diferenças “de mundos” entre eles é inclusive apontada pelo personagem Moscú (T2:E1), pai de Denver na série. Na cena, Moscú lista como qualidades de Mônica o fato de ser funcionária pública e ter estudado muito, contrastando com o passado do filho.

2.2. “El Ministerio del tiempo”: a forma de tratamento ‘vos’ e a variação diacrônica

El Ministerio del Tiempo (doravante EMDT) é uma série espanhola do gênero ficção-histórica e fantástica transmitida originalmente pela *Televisión Española* (TVE) entre os anos de 2015 e 2017, contabilizando 3 temporadas e 34 episódios. Segundo a página oficial da série,

El Ministerio del Tiempo é uma instituição governamental autônoma e secreta que depende diretamente da Presidência do Governo (...) apenas reis, presidentes e um número exclusivo de pessoas sabem dele. A passagem para outras épocas é feita através de portas vigiadas pelas Patrulhas do Ministério. Seu objetivo: detectar e impedir que qualquer intruso do passado chegue a nosso presente - ou vice-versa - com a finalidade de utilizar a História para seu benefício. Para isso, as Patrulhas terão que viajar para o passado e evitar que consigam isso. (tradução nossa)

Os personagens que formam parte da Patrulha vêm de diferentes épocas e são “pessoas comuns expostas a situações nada comuns”, como explica a página. Julián é um enfermeiro do SAMUR (*Servicio de Asistencia Municipal de Urgencia y Rescate*) dos dias atuais; Amelia Folch é a primeira mulher universitária na Barcelona de 1880, e Alonso Entreríos é um soldado dos *Tercios Flandes* condenado à morte em 1569. Fazem parte também do núcleo recorrente seus superiores Ernesto Jiménez e Irene Larra, o subsecretário Salvador Martí e a secretária Angustias, além da ex-agente Lola Mendieta.

Nosso objetivo com essa série é, como já dito, trabalhar com a variação diacrônica da língua espanhola focando na forma de tratamento vos. As cenas que vamos analisar só são possíveis de acontecer na ficção,

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

já que se trata de um encontro entre Alonso Entreríos, com sua variante do século XVI, e pessoas com variantes do século XXI. Especificamente neste trabalho, abordaremos as formas de tratamento.

Historicamente, o dialeto de Alonso encontra-se no período de transição da forma de tratamento *vos*. De acordo com Jonge e Nieuwenhuijsen (2009), *vos* se usava no espanhol antigo como forma de tratamento de segunda pessoa de respeito, referindo-se tanto a um interlocutor singular quanto plural. Nesse período, *vos* se caracterizava, quando usado para se dirigir a uma pessoa, como uma forma de cortesia - diferente do *tú*, a forma de confiança - e, quando usado para se dirigir a mais de uma pessoa, não estava marcado para cortesia nem para confiança, já que era a única forma de segunda pessoa plural.

Presume-se que até o século XV *vos* era a forma de tratamento que se usava para se dirigir ao rei e também era de uso geral entre os fidalgos, mesmo dentro da família e entre parentes. *Tú*, ao contrário, se usava para se dirigir aos criados e às crianças, embora também se encontrassem casos em que se misturavam *tú* e *vos*, devido à predileção pela última forma. Ou seja, ainda nesse mesmo século, o uso de *vos* sofreu uma rápida decadência semântica e também passa a ser usado entre pessoas que se tratam de maneira mais familiar, entre iguais e amigos, e também com desconhecidos, embora mantenha seu valor de reverência até o século XVI. É nesse contexto, portanto, que se localiza a variante de Alonso: em meados do século XVI *vos* estava perdendo seu valor de reverência em um processo de desvalorização semântica até cair em desuso total ao longo do século XVII (JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009).

No seu lugar, como forma de tratamento cortês, permanece a forma *vuestra merced*, que já havia surgido no século XIV, ou seja, essa forma conviveu por um tempo com o pronome de cortesia original *vos* até sua desapareção nas variantes peninsulares. Jonge e Nieuwenhuijsen (2009:1637), a propósito, observam que em obras literárias do século XVI “*vos* e *vuestra merced* podiam ser usadas nas mesmas situações, e quase sem distinção” (tradução nossa). No século seguinte, entretanto, *vos* sofre uma considerável inflação, se usa de forma geral entre familiares, e *vuestra merced*, além de ampliar sua frequência de uso em tratamentos de cortesia, finaliza seu processo de evolução para a forma que hoje conhecemos no espanhol contemporâneo: *usted*.

De certa forma, a série EMDT mantém essa coerência linguística: conforme podemos observar nos fragmentos citados a seguir, no episódio 1 da primeira temporada (T1:E1), o tratamento entre Alonso e seu capitão é *vos* [1], já entre Alonso e sua esposa é *tú* [2]; por outro lado, quando Alonso conversa com Julián neste mesmo episódio, o trata de *vuesa merced* [3], uma das possíveis formas do processo de evolução de *vuestra*

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabajando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

merced a usted. Nesse sentido, temos o uso de *vos* e *vues(tr)a merced* em tratamentos de cortesia (relações de trabalho e com desconhecido) e *tú* em tratamentos de confiança (com a companheira).

[1] (T1:E1) Sala oficiales [1569]

CAPITÁN: ¡Atacasteis antes de tiempo! ¿Por qué lo hicisteis?

ALONSO: Porque vos lo ordenasteis.

CAPITÁN: ¿Tenéis testigos de lo que decís?

ALONSO: Si los muertos pudieran hablar, los tendría.

CAPITÁN: ¡Mentís!

[2] (T1:E1) Calabozo Sevilla [1569]

BLANCA: ¿Por qué le atacaste? ¡Era tu superior!

ALONSO: ¡Como si es San Pedro! A veces, un hombre ha de hacer lo que ha de hacer.

BLANCA: Maldito orgullo... (*le acaricia, solloza*) Por él, mañana, tu capitán estará en su cama, y tú en la horca.

[...]

ALONSO: Blanca... no llores... he tenido una buena vida... he visto mundo... he amado... he luchado por mi patria... No tengo quejas. Quiero que hagas una cosa por mí.

[3] (T1:E1) Ministerio: comedor [2015]

[...]

SALVADOR: Julián, quiero presentarte a los que van a ser tus compañeros.

Julián los mira.

JULIÁN: Hoy es mi día. (señala a Velázquez) Primero conozco a Velázquez, (señala a Alonso) y ahora al Capitán Alatriste.

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabajando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Alonso le mira, mosqueado.

ALONSO: Vuesa merced me confunde con otro.

Para a utilização didática, sugerimos o uso das cenas que se encontram nos episódios 9 e 10 da segunda temporada (T2:E9 e T2:E10). Trata-se de um diálogo entre Alonso e Elena pelo telefone. Elena é uma mulher do século XXI pela qual Alonso começa a se apaixonar por ser muito parecida com sua esposa Blanca, conforme os alunos poderão ver em T2:E9. Seguem fragmentos dos diálogos:

[4] (T2:E9) Despacho Elena [2016].

ELENA: ¿Alonso de Entrerriós?

JULIÁN: Ahora mismo se pone...

Le ofrece el teléfono a Alonso, que se está acabando de limpiar las manos. Alonso coge el teléfono

ALONSO: ¿Sí?

ELENA: Soy Elena, la abogada... ¿te acuerdas de mí?

ALONSO: (*Con la cara demudada*) Sí, Elena me acuerdo de... de

JULIÁN: (*Ayudándole*) De ti... de ti...

ALONSO: De ti...

ELENA: Disculpa que llame a estas horas. ¿Recuerdas el desalojo de Josefina Pérez?

ALONSO: Sí.

ELENA: Estoy trabajando en la defensa de los manifestantes. Me preguntaba si mañana tendrías un hueco libre para hacerte unas preguntas.

ALONSO: (*Disimulando la emoción*) ¿Mañana?... Sí, de acuerdo. Os llamo...

JULIÁN: Te llamo...

ALONSO: Da igual... Ya ha colgado.

Alonso cuelga.

[...]

(T2:E10) Ministerio: Cafetería [2016]

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

En la barra de la cafetería, Alonso habla por teléfono.

ALONSO: ¿Elena? Hola, soy Alonso... Perdona que haya tardado tanto en llamarte... No, no... De verdad que todo fue estupendo... Os...

Se oye la voz de Julián a sus espaldas.

JULIÁN: Te llamaba, te llamaba...

ALONSO: Te llamaba porque me encantaría... verte otra vez...

Julián sonríe.

ALONSO: Perfecto...

[...]

Seria interessante, antes de passar essas cenas aos alunos, apresentar as primeiras de T1:E1 para que os alunos conheçam Alonso, Blanca e Julián, além da trama da série. Após uma contextualização da história, as cenas de T2:E9 e T2:E10 podem vir seguidas de perguntas como “¿Qué hace Julián en las dos escenas? ¿Por qué lo hace?”. A partir dessas perguntas, é possível que os alunos observem que as variações diacrônicas do espanhol não prejudicam necessariamente a compreensão do conteúdo comunicado, mas provocam um estranhamento na construção da imagem do comunicante (quem usaria tais formas de tratamento no século XXI?), inclusive podendo revelar segredos sobre o Ministério do Tempo.

Pode-se, também, apresentar aos alunos quadros evolutivos das formas de tratamento, mostrar origens e outros exemplos dessas variantes, comparar as formas dentro da própria série, perguntar o porquê do uso de determinada forma entre personagens específicos etc. Sugerimos também a expansão da análise da forma *vos* para a variação diatópica, apresentando cenas de outra série cuja trama se passa no século XXI, mas por questões geográficas usa-se a forma *vos*, como é o caso das séries argentinas “Estocolmo” e “Adha”.

Uma possibilidade de trabalho, por meio dessas séries, é a de contrastar contextos de usos do *tú*, *vos*, *usted*, *vosotros* e *ustedes*, chamando a atenção para as relações entre os personagens e sua localização, tanto espacial como temporal, além da conjugação verbal

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

(observa-se que, em EMDT, a forma verbal de *vos* usada por Alonso é idêntica à atual forma de *vosotros*; já nas séries argentinas que sugerimos, *vos* tem uma forma própria em alguns tempos verbais e, em outros, tem a mesma forma de *tú*) e de outras partículas (quando Alonso vai desligar o telefone, em T2:E9, diz “*os llamo*”; se fosse uma fala de uma das séries argentinas, diria “*te llamo*”, já que para as formas átonas e para o possessivo se utilizam as formas de *tuteo* - *te, tu, tuyo* etc.).

3. Considerações finais

Acreditamos que trabalhar com séries em sala de aula traz inúmeros benefícios, como incentivar os alunos a ter contato com a língua estudada através de materiais não didáticos que inclusive costumam ser “consumidos” no dia a dia dos estudantes em momentos de lazer. Além disso, o uso de séries permite a abordagem de variantes que não são trabalhadas em materiais didáticos, como é o caso da variação diastrática presente na variante de alguns personagens de LCDP.

O diferencial das nossas sugestões de atividades é que, ao invés de focalizar a estruturação gramatical das variantes, como se costuma fazer quando se aborda o tema da sociolinguística em línguas estrangeiras, destacamos as questões sociodiscursivas envolvidas na *performance* da língua a fim de tornar mais efetivo o caminho para o pensamento crítico. Dessa forma, acreditamos ser possível explorar a pluralidade linguística do espanhol para além da apresentação de curiosidades ou fenômenos isolados, destacando aspectos sociodiscursivos em usos que *performam* as variantes de falantes em contextos naturais de comunicação.

Outro aspecto que convém destacar é a importância da didatização de materiais para o trabalho com variantes na formação de professores. Há que se considerar que esse é um público que, ao mesmo tempo que adquire a língua espanhola enquanto falante, está se formando para ensiná-la, portanto priorizar a apresentação da língua como prática social, como plural e variável e, ao mesmo tempo, estimular reflexões linguísticas, metalinguísticas e sociodiscursivas é, também, impactar no futuro do ensino de espanhol no Brasil. Formar professores que sejam capazes de refletir sobre as diferenças linguísticas pode ser um caminho para deixar de lado a pergunta “Que Espanhol ensinar?” e aproximar-se de respostas à pergunta “Como ensinar o Espanhol, essa língua tão plural?”.

Referências bibliográficas

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ALMEIDA, D.M.V. *Performatividades gays: um estudo na perspectiva brasileira e argentina*. 2016. 359 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ANTUNES, I. *Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ÁVILA DE JALIL, A.M. *Sociedad y lenguaje en la telenovela argentina*. San Miguel de Tucumán: Facultad de Filosofía y Letras - Universidad Nacional de Tucumán, Colección Tesis, 2005.

BAGNO, M. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Parecer nº 492 de 3 de abril de 2001.

_____. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Básica, 2006.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística: Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

CEPEDA, G. *Estudio descriptivo del español de Valdivia, Chile*. Estudios filológicos, Valdivia, n.36, 2001. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0071-17132001003600006&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de novembro de 2011.

MAZZARO, Daniel; RUAS, Mariana. Trabalhando as variedades do espanhol por meio de séries: propostas didáticas com “La casa de papel” e “el ministerio del tiempo” na formação de professores de espanhol. *Revista Intercâmbio*, v. XLI: 41-64, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Introdução à Linguística: Objetos Teóricos*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DUCROT, O. De Saussure à la philosophie du langage. In: SEARLE, J. *Les actes de langage*. Paris: Hermann, 1972 apud CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

JONGE, B.; NIEUWENHUIJSEN, D. Formación del paradigma pronominal de las formas de tratamiento. In: COMPANY COMPANY, Concepción. *Sintaxis histórica de la lengua española. Segunda parte: La frase nominal*. México: FCE, UNAM, 2009.

MORENO FERNANDEZ, F. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco Libros, 2007.

_____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 2009.

PEREIRA, P. M. *A utilização de desenhos animados em aula de espanhol como língua estrangeira para falantes de língua portuguesa*. 2012.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – UFPR, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

PONTE, A.S. A variação linguística na sala de aula. In: BARROS, C.S.; MARINS-COSTA, E.G. (Coord.). *Espanhol: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2015.